

**Resistência, Denúncia e Testemunho: A Identidade Negra Através da
Língua De Fogo e da Escrita de Carolina Maria de Jesus¹**

**Resistencia, Denuncia Y Testimonio: Identidad Negra A Través de La
“Lengua De Fuego” Y La Escritura de Carolina María de Jesús**

Valéria Millene Viana Cândido da Silva ²
valeria.silva@aluno.uepb.edu.br
Melânia Nóbrega Pereira de Farias ³
mnpfarias@yahoo.com.br

Resumo: A pressão do segmento social dos negros frente ao resgate de sua cultura e acesso a uma educação de qualidade torna-se cada vez mais forte neste século em que a identidade racial brasileira e as formas de racismo no Brasil ocupam lugar central no debate político-cultural. É justamente neste sentido que propomos como objeto desta pesquisa refletir como se dá o processo de construção da identidade do negro na sociedade brasileira através de fragmentos literários extraídos das obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Pedaços da fome* (1963), todas da autora Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Vale destacar que estes fragmentos literários destas obras foram considerados associados aos registros bibliográficos da escritora aqui em questão. Além disso, é preciso discernir que uma pesquisa como a que está sendo aqui proposta exige o deslocamento destas obras literárias para uma pesquisa socioantropológica, portanto interdisciplinar, ensejando-se o diálogo entre as obras literárias com os estudos de pensamento social brasileiro. Desse modo, esta pesquisa pretende contribuir no sentido da consolidação de uma consciência da repercussão da literatura produzida pelos afrodescendentes no sistema literário brasileiro e, por consequência, na

¹ O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa intitulado “Resistência, Denúncia e Testemunho: a identidade negra através da “língua de fogo” e da escrita de Carolina Maria de Jesus”, desenvolvido com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEPB/Cota 2022/2023), onde atuaram ambas as autoras: a primeira como bolsista e a segunda como docente coordenadora da pesquisa.

² Graduanda pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus VI, no curso de Licenciatura plena Letras Português. Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisa em andamento: "A política de cotas raciais na Universidade Estadual da Paraíba: a construção da identidade de estudantes negros(as) em perspectiva". Tem interesse em pesquisas a respeito da identidade negra, etnicidade, políticas públicas de ação afirmativa e resistência quilombola.

³ Professora da Universidade Estadual da Paraíba - Campus VI, Assessora do Gabinete da Reitoria da Instituição e Coordenadora da Coordenadoria de Acompanhamento e de Permanência da Política de Cotas da Graduação da Universidade Estadual da Paraíba. Também é professora permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional PROFSOCIO/UFCG/CDSA. Vice Líder do grupo de pesquisa intitulado Núcleo de Estudos e Pesquisas em Etnicidade e Cultura (NEPEC) (UACIS/CDSA/UFCG) cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

sociedade brasileira, pois isso ajuda a dar forma à identidade cultural do povo que está sendo “olhado” pelas políticas públicas neste País.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Identidade Negra; Leitura Interdisciplinar da obra Literária.

Resumen: La presión del segmento social de los negros de cara al rescate de su cultura y el acceso a una educación de calidad se vuelve cada vez más fuerte en este siglo en el que la identidad racial brasileña y las formas de racismo en Brasil ocupan un lugar central en el debate político-cultural. Es precisamente en este sentido que nos proponemos como objeto de esta investigación reflexionar sobre cómo se da el proceso de construcción de la identidad de las personas negras en la sociedad brasileña a través de fragmentos literarios extraídos de las obras *Quarto de despejo: diario de uma favelada* (1960) y *Casa de alvenaria: diario de una antigua favela* (1961) y *Pedazos de hambre* (1963), todas de la autora Carolina María de Jesús (1914-1977). Vale la pena señalar que estos fragmentos literarios de estas obras fueron considerados en asociación con los registros biobibliográficos del escritor en cuestión. Además, es necesario discernir que investigaciones como la que aquí se propone requieren el desplazamiento de estas obras literarias para una investigación socioantropológica, por lo tanto interdisciplinaria, dando lugar a un diálogo entre obras literarias y estudios del pensamiento social brasileño. De esta manera, esta investigación pretende contribuir a la consolidación de una conciencia sobre la repercusión de la literatura producida por afrodescendientes en el sistema literario brasileño y, en consecuencia, en la sociedad brasileña, ya que esto ayuda a configurar la identidad cultural del pueblo. que están siendo “mirados” por las políticas públicas de este país.

Palabras-clave: Carolina María de Jesús; Identidad negra; Lectura Interdisciplinaria de la obra Literaria.

INTRODUÇÃO

Atualmente, na América Latina, evidencia-se como premente não apenas a tematização, mas sim, uma reflexão crítica acerca da problemática das (des)igualdades e isso é possível ser feito através da análise sobre a representação literária. Inserida no quadro mais amplo das Ciências Humanas, particularmente das Ciências Sociais, e das leituras e análises interdisciplinares das obras literárias, a referida reflexão, dentro de uma perspectiva socioantropológica e literária, pode esclarecer e aprofundar o estudo sobre o conjunto de questões que entram em jogo na abordagem desse tema.

Portanto, ao tratar da representação literária no romance, do processo de luta pelos direitos sociais e econômicos – direito de cidadania – do segmento negro na sociedade brasileira, pauta-se a necessidade de levantar dados bibliográficos dessa representação, para que se possa compreender seu significado no contexto situacional de sua realização. Evidentemente esse levantamento, caracterizado em sua fase inicial metodologicamente como um estudo descritivo, deve ir muito além disso e não se esgotará numa pesquisa como esta aqui realizada. Entretanto, é preciso ser iniciado com esta finalidade, e é o que foi realizado, examinando primeiramente alguma bibliografia que referenda sua pertinência.

A pressão do segmento social dos negros frente ao resgate de sua cultura e acesso a uma educação de qualidade torna-se cada vez mais forte neste século em que a identidade racial brasileira e as formas de racismo no Brasil ocupam lugar central no debate político-cultural. Entretanto, sabe-se muito pouco sobre o modo como os negros vêm efetivamente se situando na sociedade brasileira, em diferentes regiões do país, que rumos tomam as ditas relações “raciais”, que significados simbólicos têm a relação raça-cultura e daí por diante.

É justamente neste sentido que o objeto desta pesquisa é o de refletir, do ponto de vista da leitura interdisciplinar da obra literária, como se dá o processo de construção da identidade do negro na sociedade brasileira através de fragmentos literários extraídos das obras da autora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), considerada pelo crítico literário Tom Farias (2020) uma mulher negra corajosa e de atitudes alvissareiras, dona de pensamento singular e escrita simples e que deixou um legado de desafios, alertas, indignações e dúvidas.

Vale destacar que estes fragmentos literários destas obras foram considerados associadamente aos registros biobibliográficos da escritora aqui em questão. Além disso, é preciso discernir que a pesquisa exigiu o deslocamento destas obras literárias para uma pesquisa socioantropológica, portanto interdisciplinar, ensejando-se o diálogo entre as

obras literárias com os estudos de pensamento social brasileiro, como é aquilo que foi realizado nesta pesquisa.

Motta (1996) chama a atenção para a escassez de dados empíricos sobre a inserção e participação do negro na sociedade brasileira. Sendo assim, esta pesquisa é relevante, uma vez que vislumbra a construção da identidade negra a partir da leitura interdisciplinar das obras de Carolina Maria de Jesus.

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar, interdisciplinarmente, como se dá o processo de construção da identidade do negro na sociedade brasileira através de fragmentos literários extraídos das obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Pedaços da fome* (1963), todas da autora Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Como objetivos específicos foram: a) Identificar os marcadores nos textos literários que permitiram afirmar Carolina Maria de Jesus como alguém que produziu uma “literatura negra” assim como uma “literatura marginal/periférica”; b) Caracterizar a trajetória intelectual e política de Carolina Maria de Jesus, bem como a profundidade da crítica social presente em suas obras; c) Contextualizar, historiograficamente, as obras e a própria autora, fazendo emergir a ambiência da década de 1960 no Brasil e a “literatura negra” deste período.

O ITINERÁRIO METODOLÓGICO

A escolha de um caminho deve referenciar-se no tipo de problema a ser pesquisado, nos objetivos a direcioná-lo, além de alicerçar-se nos pressupostos epistemológicos do pesquisador.

Desse modo, de acordo com os objetivos desta pesquisa, classificamos a mesma, primeiramente, como descritiva, pois é esta, segundo Selltiz, Wrightsman e Cook (1965), aquela que busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

Conforme os procedimentos técnicos adotados no sentido da coleta dos dados, esta pesquisa ainda se classifica como bibliográfica. Para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação. Essa pesquisa auxilia, consoante o autor supracitado, na escolha de um método mais apropriado, assim como no conhecimento das variáveis e na verificação da autenticidade da pesquisa. Ela foi desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Além disso, esta pesquisa também pode ser classificada, segundo a natureza ou tipo de abordagem dada aos dados, como qualitativa. Segundo Trivinos (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

Desta feita, os dados coletados foram analisados à luz do referencial teórico consultado e deverão ser apresentados, futuramente, na forma de artigos científicos a serem publicados em revistas científicas da área de Letras e Ciências Sociais e de comunicações orais a serem apresentadas em eventos de vulto de ambas as áreas.

A VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A vida de Carolina Maria de Jesus, inicia-se no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, especificamente na zona rural, descendendo de pessoas negras e de todo um passado-presente de injustiças, discriminação e escravidão, sua vivência não poderia ser diferente das vivências dos seus antepassados, que foi imposta pela sociedade, especificamente brasileira, que perpetuou mais de 300 anos de escravidão aos povos pretos.

O acesso à escola foi de forma rápida, mas que culminou no sonho de ser escritora, sendo ela negra, foi um grande avanço ter conseguido a vaga na escola, pois nem sempre

esse direito do acesso às escolas foi igual para todos os brasileiros. Segundo Gabriel (2014), os escravos não eram liberados a frequentar a escola mesmo que fossem livres, com alegações de que o convívio com as crianças brancas poderia acarretar em absorção de maus costumes e que não era necessário conhecimentos para o trabalho escravo, indo assim contra a Constituição de 1824. Permanecendo apenas por dois anos na escola e mudando-se junto com sua mãe, já que ela tinha encontrado um novo emprego, que dessa vez não lhe garantia o privilégio de frequentar a escola.

Passando por muitos empregos durante sua adolescência e vida adulta, Carolina e sua família mudavam-se sempre em busca de melhores condições de vida, o que era bem difícil, pois a cada novo local de trabalho era encontrado também péssimas condições de vida. Por isso, anos mais tarde, Carolina, estando sozinha após a morte de sua mãe e avô, vê a possibilidade de migrar para a cidade de São Paulo, visando novas possibilidades e condições melhores de vida. Ao chegar na cidade esperançosa logo percebeu que tudo que imaginou não passava de uma utopia, sua realidade não foi diferente, em São Paulo, ela trabalhou em uma diversidade de empregos para tentar se manter financeiramente e segundo Gabriel (2014, p.25) “Carolina chegou a dormir sob pontes, em estradas, passou noites ao desabrigo, pois não tinha ninguém para ajudá-la ou acolhê-la, estava só.”

Em 1948, ela perdeu o emprego de empregada doméstica por engravidar e assim não restou outra saída a não ser construir seu barraco na favela do Canindé, onde moravam outras pessoas que enfrentavam as mesmas condições de vida. A nova profissão que ela recebeu por não ter mais oportunidades foi a de catadora de lixo, exercendo mesmo grávida para construir seu barraco e como forma de sustento familiar após o nascimento da criança com a venda do que encontrava no lixo.

Segundo Ferreira (2019), por ser mãe solteira, agora de três filhos, a autora não detinha a vontade de casar-se, relatando que em sua grande maioria os casamentos eram complicados, abusivos e até violentos, além de demonstrar seu grande senso crítico de que preferia a leitura e escrita e que possivelmente algum homem pudesse não gostar dela

“perdendo” tempo lendo e essa era parte importante da sua vida. Assim, Carolina se mostra com um pensamento bem evoluído perante aos modos da sociedade da década de 60, que as mulheres só restavam o casamento, a criação dos filhos e os afazeres domésticos, preferindo assim a literatura a ser sua companheira e aliviadora das mazelas.

Com os anos, surgiu o interesse pela poesia e assim foi descrevendo seus ideais de vida e pensamentos em folhas que encontrava no lixo e assim guardava para descrever em seu diário a realidade vivenciada por ela e seus três filhos. Fazendo desse diário um hábito constante e necessário, como forma de desabafo perante as mazelas que enfrentava. As suas obras eram descritas de formas únicas e verdadeiras, tendo como características marcantes o testemunho que foi realmente vivenciado, a sua consciência enquanto mulher favelada e perante isso, uma consciência maior ainda da desigualdade social da sociedade brasileira, produzindo assim, obras históricas de relato pessoal, de acordo com Gabriel (2014, p.17) “[...]ela conseguiu construir sua identidade por meio desses escritos, pois neles ela resgatou suas origens e descreveu sua trajetória de vida até aquele momento (autobiografia)”.

Ao longo de sua vida, Carolina publicou outras obras que também denunciavam, relataram e demonstraram a sua importância para a literatura brasileira, ainda mais por ser de autoria feminina, por mais que a mesma tenha perdido grande parte do público leitor e sofrendo críticas com sua estética de escrever. Já no segundo livro publicado, intitulado: *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, Carolina descreve a sua vivência sobre a nova perspectiva de vida, seus novos objetivos e o cansaço com novos problemas que surgiram com vizinhança que não aceitava ela e seus filhos e com seus novos compromissos que ocupavam grande parte do seu tempo. Por isso, comprou uma chácara para ir morar com seus filhos e assim ter sossego, utilizando desse espaço para plantar e criar animais até o dia da sua morte.

LITERATURA DE DENÚNCIA

Trazendo sua escrita, como a maneira de se libertar da realidade, ela escrevia diariamente nas folhas que encontrava no lixo e guardava, esse momento era de saída de suas palavras para uma reflexão da sua vida, do convívio com os vizinhos favelados, da tristeza, da fome e das relações desiguais da sociedade com intuito de ser reconhecida um dia como escritora e poeta. Carolina utilizava das suas obras “para denunciar o que a incomodava, as injustiças que via e vivia, postava em seus textos mais que suas vivências, imprimia a sua identidade, a sua marca” (Freitas; Lopes, 2020, p.05).

Por utilizar de relatos pessoais do que realmente estava acontecendo, a autora descreve com propriedade, sendo perceptível a necessidade de falar, por ter sido muitos anos silenciada pela sociedade, é na escrita do diário que Carolina grita chamando a atenção para o que realmente está acontecendo na favela do Canindé e em outros pontos físicos e sentimentais da realidade dura e inconsistente da vida pessoa negra no Brasil. Criticando principalmente os políticos por apenas se voltar ao povo durante as campanhas eleitorais e após estarem eleitos, não visualizar os favelados:

Nesse diário, a denúncia social ganha força, tendo em vista que os relatos da escritora mostram uma realidade até então ignorada pelos que viviam nas salas de visita; como ela mesma afirma, a favela é o quintal, onde os ricos jogam o lixo (Freitas; Lopes, 2020, p.17).

Mesmo tendo a noção que essas problemáticas são reflexos do passado- presente do Brasil, pois a sociedade ainda perpetuava as marcas da escravidão na forma do racismo estrutural, a respeito dessas marcas atemporais Silva (2019, p.64) explica “[...] ao retratar o cotidiano por meio do diário, seu discurso ganhou um tom atemporal, passando tanto a representar o que ela viveu, quanto o que muitas pessoas passam hoje, passarão, ou nem de perto viverão isso”. Então, ao descrever sua vida com marcas profundas enraizadas da escravidão que perdurava e a afligiam diariamente quando observava ou relatava sua vida,

Carolina faz uma ligação entre os descasos da sociedade com as pessoas negras e dos privilégios que as pessoas brancas já conseguiam antes mesmo de nascer, reafirmando a condição de subalternidade das pessoas pretas. Seus escritos mostram que além de almejar a ascensão social a mesma tinha proximidade e compaixão com os pobres. Sua ousadia em escrever a realidade e ainda criticar os políticos e pessoas de poder e prestígio foi marca permanente sobre sua chegada na literatura, estando numa ponte entre o social e o literário, ela se estabelecia com características dos dois grupos e assim se traz na sua identidade autoral uma marca permanente de conseguir transformar em poesia as mazelas enfrentadas:

Carolina Maria de Jesus produz uma literatura de enfrentamento social porque materializa uma escritura que marca o seu projeto literário neste lugar da ruptura, do não lugar, do impensado, a partir da produção de novos sentidos, em direção da denúncia social das mazelas de um país que se quer “debaixo do tapete”, diríamos, silenciado, cuja visão não é “cheirosa”, tampouco agradável (Leandro, 2019, p.127).

Sendo suas obras e sua vida importantes para o contexto histórico e literário brasileiro, já que juntas contribuem para a consolidação das denúncias na década de 60 e também da vida desagradável da pessoa negra no Brasil. Utilizando a linguagem para gritar ao mundo sua voz que por anos ficou presa na garganta, pronta para ser dita e assim expor sua revolta dos acontecimentos de exclusão, Carolina se mostra uma mulher mais transgressora de limites do que descreveu, pois ela ultrapassou os níveis de literariedade descrevendo sua realidade sem precisar plagiar ninguém, mas sendo descrita como prazerosa e acolhedora.

A presença das obras de Carolina na literatura se confirma com diversos elementos presentes no dia a dia, mas descritos de forma poética mesmo que as condições de escrita ou de permanência no estímulo de escrever não tenham sido favoráveis:

É por isso que consideramos a literatura produzida por Carolina como resistência, visto que, em meio a um ambiente inóspito, em que a leitura

e a escrita nem sempre fazem parte, Carolina, na posição de sujeito-autor, autorizava-se a dizer (Leandro, 2019, p.120).

Torna-se inquestionável que a resistência e a denúncia atravessaram a vida e obras de Carolina, ao descrever sua realidade de forma poética e dolorosa, a autora consolida sua escrita como pertencente à literatura brasileira. Como deixa claro Freitas; Lopes (2020, p.10) sobre a escrita de Carolina: “[...] é um marco revolucionário por diversas razões: além de retratar as experiências de quem realmente conhecia a miséria, a pobreza e a fome, representa uma denúncia social de uma realidade ignorada pela sociedade”.

É POSSÍVEL FALAR SOBRE LITERATURA NEGRA E MARGINAL NO BRASIL?

Quando se trata do negro na literatura é preciso estudar e ler muito para compreender que não era falta de material a ser publicado, mas sim falta de espaço e oportunidades para essas obras de alguns autores negros que tiveram acesso, mesmo precário, a escolas. Quando o primeiro livro de Carolina é publicado, a literatura brasileira ainda possui poucas obras de autoria feminina negra, por isso ela se destaca tanto pelo fato de ser publicada e traduzida posteriormente em mais de dez idiomas.

O percentual de escritores homens negros até o século XX não é muito significativo por não se ter avançado como deveria, por justamente enfrentar dificuldade para ser publicado, mas é maior do que as publicações das mulheres negras que enfrentaram mais desafios e represarias, além de normalmente serem rotuladas e designadas para a satisfação sexual até mesmo nas histórias, assim como aborda Gabriel (2014, p.45) “É comum nos depararmos com as negras e mulatas sedutoras e/ou subalternas descritas em romances, pois não cabia a essas mulheres a condição de heroína de qualquer que fosse a história”. Na verdade, tudo que era produzido por pessoas negras, era alvo de críticas e rotulação no universo literário brasileiro por conta da origem dos mesmos a etnicidade interferiu majoritariamente na tentativa de exclusão deles da sociedade, como confirma Gabriel (2014, p.57):

A (não) aceitação de escritores negros e mulatos, como Carolina de Jesus, ficou claramente relacionada à origem étnica e social dos autores. [...] sua origem e sua cultura de nada valem se não estiverem em acordo com o que é socialmente aceito pela “raça dominante”.

Ao tentar se estabelecer como sujeito pertencente à sociedade brasileira, Carolina perpassa por vários grupos sociais com sua escrita. A forma como ela descreve sua realidade na favela marca essa afirmação, pois a mesma descreve a situação vivenciada de forma plural ao relatar que também era a dos seus vizinhos, mas ela se retira em alguns momentos dos estereótipos voltados aos favelados:

22 de junho- [...] Era 6 horas quando apareceu um carro. era um senhor que havia casado e veio dar os sanduíches que sobrou. Eu ganhei alguns. Depois os favelados invadiram o carro. Os moços foram embora e disse que iam jogar os sanduíches no lixo que gente de favela são estúpidos e quadrúpedes que estão precisando de ferraduras (Jesus, 2014, p.51).

Além de ter um diferencial importante entre ela e os favelados, a leitura e escrita, deixava Carolina um pouco distante mesmo também sendo uma mulher que residia na favela, ela não tinha vícios, a não ser a escrita, se controlava para não se tornar dependente da bebida, mas essas características não distanciam suas obras da literatura marginal e periférica, ao contrário, sua forma de descrição e a própria vivência, aproxima ainda mais suas obras dessa literatura, por pertencer a uma mulher que realmente descreveu e conviveu com a literatura viva na prática do dia a dia e que sabia que sua realidade de vida e dos seus vizinhos eram de marginalizados. Segundo Ferreira (2019, p.62) “A favela é, então, nesse processo, um lugar de extrema importância na construção de seu lugar de fala e de sua produção intelectual porque é a partir dela que a autora passa a externar suas reflexões e críticas.”

Oliveira (2020) aborda que nas narrativas de Carolina, se é possível observar os reflexos que a escravidão ocasionou na vida das pessoas negras e nos pré-julgamentos já

estipulados pela sociedade, ao relatar as precárias condições de vida dos favelados e as violações perante seus direitos de cidadãos “livre e iguais”. Assim, sonhando em um dia se tornar escritora, e assim conseguindo, Carolina surge como uma utopia de que todas as mazelas que afligiam os periféricos seriam sanadas e que sua vida seria também perfeita a partir da publicação da sua obra, que não ocorreu dessa forma.

Se fazendo presente ainda na crítica de autoria negra que buscou romper as vertentes do patriarcado e da sociedade para adentrar na linguagem e torná-la menos opressiva e acessível a todos de maneira por igual. Com sua escrita, Carolina resiste em meio às inúmeras tentativas de silenciamento e apagamento que a sociedade tenta colocar, a partir disso a sua reação é de apenas escrever sua condição de vida ao invés de guardá-las para si, pois não apenas uma dor singular e única de sua vida e sim uma dor plural de um povo preto marginalizado/ favelado. Silva (2019, p.47) explica qual a verdadeira intenção de Carolina ao adentrar no universo literário, “dessa forma, buscar um espaço na literatura nacional não é sinônimo de segregação para o negro, mas sim de autoafirmação e de valorização de sua herança cultural, enquanto parte constitutiva da cultura brasileira”.

A possibilidade de saída da favela era através da linguagem escrita e por isso ela utilizou desse recurso que a princípio ela não deveria ter acesso, e só foi matriculada numa escola pela bondade da patroa de sua mãe e a influência de uma amiga, pois a alfabetização e o acesso a escola eram voltados apenas às pessoas brancas, já que a língua era parte privada da classe dominante e o acesso a ela era de quem detinha poder.

É importante ressaltar que no espaço que ela convivia era considerado impossível de produzir literatura, por ser repleto de desigualdade social e diversidades que não favoreciam a escrita de uma literatura tão rica em detalhes do cotidiano que chegam a ser tocantes. Entretanto, quando Carolina produz a literatura, o espanto foi ainda maior por ela ser uma mulher negra periférica que deveria estar dependente de vícios e ser uma marginal corrompida pelo meio que vivia, sendo reforçando assim os estereótipos pré-estabelecidos sobre seu povo. As denúncias por falta de assistência por parte do poder

público serviam como confirmação de que ela ainda não estava conformada com a realidade. Para tanto, Carolina se consolida como uma escritora que mesmo advinda de uma sociedade que vela um racismo estrutural, faz-se presente na literatura periférica e marginal, assim como descreve Silva (2019, p.74):

[...] o que Carolina Maria de Jesus iniciou na Literatura Brasileira não se repete, mas se alastra. Sua escritura ganhou força e uma proporção que hoje ela é tida como a precursora do que se chama de Literatura Marginal, na qual se reúnem os escritores, a partir do ano de 2000, que como ela, buscam do seu espaço nas letras [...].

Utilizando o literário como forma de denúncia aos acontecimentos injustos a sua volta e que não se deixou silenciar e na verdade gritou através da escrita que ainda há muito a ser corrigido e mudado no cânone literário se o intuito for o de valorizar a cultura brasileira, pois é necessário dar vez e voz a pessoas pertencentes de grupos sociais historicamente marginalizados e desfavorecidos.

A IDENTIDADE NEGRA ATRAVÉS DAS OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

As relações raciais no Brasil foram atravessadas por contextos históricos importantes para todas as áreas sociais. A partir do século XIX, o país alavancou as pesquisas sobre as características da sociedade e com isso foi estabelecido um novo olhar sobre os povos mestiços, já que eram considerados uma impureza da sociedade e ainda era propagando os ditos populares que chegavam a ser contraditórios, uns afirmavam sobre determinado posicionamento racista, enquanto outros negavam o mesmo.

No contexto após abolição, de acordo com Seyferth (1989), os negros e mestiços que eram pertencentes as classes inferiores da sociedade e por muitas vezes não eram considerados como pessoas da sociedade e quando passaram de escravos a cidadãos livres eles ainda deveriam seguir as ordens e os costumes impostos, não exercendo assim

nenhuma liberdade de escolha. Nesse viés, é ainda importante ressaltar uma tese que foi estabelecida no Brasil, inicialmente com Sylvio Romero em 1888 e aprofundada pelo médico e antropólogo João Batista em 1911, nomeada branqueamento onde se baseava no mestiço para propagação da mestiçagem brasileira, mas que em três gerações se detinha a ideia de que as características que iriam prevalecer do processo nacionalmente seria as brancas, dando-se por acabar com os mestiços no Brasil, já que esses eram considerados inferiores e que causavam desequilíbrio na sociedade.

No mesmo período Ortiz (1985) destaca em sua obra as influências do desenvolvimento da história dos povos através das teorias do positivismo de Comte, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer, sendo a teoria do evolucionismo que visava compreender a problemática do caráter social, entretanto teve de ser adicionados outros conceitos sociais, já que diferentemente da realidade europeia o Brasil tinha suas especificidades e não poderia ser analisado apenas entre a teoria e a sociedade e foi assim agregado com as noções de meio e raça. Por mais que esses estudos tenham contribuído de forma considerável para a evolução de um conhecimento ainda parcial da sociedade brasileira, o racismo faz-se presente nas definições e imposições das raças, como aborda Oliveira Vianna, especificamente nos anos de 1918 e 1923, ao qual, reforça que os negros, índios e mestiços pertenciam a raça inferior, enquanto os brancos faziam parte da raça superior. Cabendo ainda destacar a escola antropológica de Nina Rodrigues, que trouxe os estudos sobre o negro no Brasil, possuindo papel importante ao resgatar a cultura africana na Bahia, ele aborda a questão racial propagando as ideias evolucionistas que ao supor que se os negros carregavam o peso de serem responsáveis pela inferioridade, o Brasil não progrediu, já que para a academia o negro era tratado como criminoso ainda por conta da escravidão.

Já na década de 30 Gilberto Freyre, aborda que a democracia racial era uma visão utópica e não passava de um mito. Contudo, o branqueamento não é de fato encerrado, o dogma da democracia racial tem por base a forma como as desigualdades se constituem

na sociedade brasileira que advém da escravidão, atualmente visada apenas por problemas sociais como saúde.

Os estudos sobre as relações sociais só foi aprofundando-se no Brasil em 1940, por cientistas negros e militantes, entretanto só em 1951 que torna-se objeto de pesquisa, onde foi patrocinado pela UNESCO uma pesquisa a respeito das relações raciais que obteve inúmeras publicações, algumas pesquisas ainda foram baseados em cânones de autores brancos, gerando o rótulo de preconceito de cor, que não muda e não o torna menos racial, como Florestan Fernandes que participou da pesquisa e posteriormente a ampliou. Sendo Florestan um grande crítico direto e frontal de Gilberto Freyre, ou seja, Florestan não concordava como estavam dispostas as relações sociais nas obras, pois ele sabia que na realidade a pessoa negra era discriminada, violentada e que as formas de tratamento para com elas eram no mínimo cruéis e não amorosas.

Nas décadas entre 50 e 60, o negro era posto mais uma vez como problema da miscigenação e em outros momentos como solução. O que leva novas pesquisas, onde foi justamente a questão de que as desigualdades impostas aos povos negros foram marcantes na sociedade, sendo assim essa divisão se tratava em sua maioria por conta da economia. A partir de Florestan Fernandes, notava-se que os brasileiros ainda continuavam com atos racistas e preconceituosos, mesmo declarando esses atos inapropriados, além de que quando falavam em “preto”, sempre era em referência a classes de baixa renda.

E é nesse contexto perpassando por fatos históricos e sociais que surge Carolina Maria de Jesus, mulher negra, periférica, pobre e mãe solteira de três filhos que escreve sobre os fatos vivenciados no seu cotidiano, sobre a luta para se sustentar e sustentar seus filhos numa sociedade que ainda carrega as marcas de um país que por séculos foi escravocrata. Descrevendo em sua narrativa a frustração em conjunto do seu esforço ao acordar cedo para catar ferro e papelão e posteriormente vender para poder comprar comida com os trocados que ganhava, Carolina, por se manter forte nas críticas a sociedade, descrevia com êxito como as pessoas brancas se sentiam superiores aos negros apenas por conta da cor:

16 de Junho- [...] Um dia, um branco disse-me:
—Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 2014, p.54).

A autora aborda com clareza as péssimas condições que vivia no seu dia a dia, relatando a realidade ao qual passavam, e sem ter medo de expor seus pensamentos a respeito da situação de superioridade, política e econômica dos brasileiros, ela deixava explícito os nomes dos políticos e dos vizinhos nos relatos das brigas na favela demonstrando a força do seu caráter nas críticas ousadas e corajosas, sem ter medo de escrever sobre tudo e todos.

A identidade racial é também demarcada no livro, sendo a mesma, negra e favelada, vivendo num país que por séculos escravizou negros e que ainda cultivavam o preconceito em suas vidas e falas:

11 DE AGOSTO ...Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (Jesus, 2014, p.90).

É visível as denúncias e referências sociais que Carolina faz em todo seu livro “Quarto de despejo”, além dos livros que foram publicados posteriormente. A autora, demonstra sua força ao se mostrar capaz de lutar por visibilidade social, ao escrever seus diários a realidade vivenciada:

27 de Dezembro- O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo.

Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada (Jesus, 2014, p.125).

Para tanto, esses trechos da obra *Quarto de despejo* é a descrição do lugar de vivência de uma mulher periférica e negra na sociedade brasileira nos anos 1950-1960, que buscava através da escrita fazer a diferença na sociedade, além de denunciar as condições de vida impostas a esse povo sem distinção de idade e gênero, mas simplesmente pela cor da pele. Além de ser um reflexo da história do Brasil desde o século XIX, após a abolição até os anos 60. Carolina, sendo semianalfabeta, relata sua vivência de experiência de preconceito e discriminações raciais através da escrita faz com que esses cenários sociais, sejam descritos, denunciados e assim publicados como parte da literatura periférica/marginal e afro-brasileira.

A escrita de Carolina Maria de Jesus, ainda perpassa por um processo de invisibilização e silenciamento dentro do cânone literário nacional. Sendo criticada e inúmeras vezes mal compreendida como parte integrante da literatura brasileira, suas obras e em especial: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, se torna alvo de grande debate sobre a forma como a autora utiliza a linguagem para relatar as suas vivências na sociedade brasileira. Por ser a primeira obra que foi publicada gerou grande impacto no público, Carolina utiliza a linguagem popular falada, trazendo usos e expressões informais do seu cotidiano para dentro do mundo letrado burguês. Essas marcas e usos eram “mal vistos” por não passar por revisões, das quais todos os autores da época passavam, para adequar a escrita aos modos da linguagem formal que era considerada como “certa”.

Vista também como forma de denúncia das condições de vida das pessoas marginalizadas e periféricas nos anos sessenta, a escrita de Carolina, não poderia ser de outra forma descrita, para Toledo (2010, p.248): “O que escreveria uma mulher negra, miserável, sozinha no mundo, semianalfabeta senão a sua própria história?”. De certo, que com a grande repercussão de sua primeira obra e da forma como ela abordou a

linguagem, que haveria os que não concordassem e os que a defendessem como obra original e única. Se tornando grande símbolo literário, “Carolina reelabora a dor sentida por meio das palavras, que canalizam para a página o sofrimento, cristalizando-o além de si e do barraco que abriga a cena.” (Coronel, 2014, p.273), reafirma a originalidade e sensibilidade que a escritora descreve os acontecimentos do dia a dia, sendo muitas vezes perceptível na escrita um tom irônico diante das adversidades que a realidade a faz vivenciar junto dos seus filhos, que são descritos constantemente como os motivos que a fazem ter força para continuar viver, para um dia proporcionar melhor qualidade de vida a eles. Toda a experiência vivenciada e relatada poeticamente em suas obras, fazem de Carolina um objeto de estudo, já que a literatura não era acessível às pessoas pobres e faveladas:

Através da escrita de si, a autora denuncia as injustiças sociais e luta para transformar sua realidade. Escrevia com o corpo e com a alma, usando a sua escrita como uma arma para superar os desafios impostos pela difícil situação vivenciada por ela desde sua infância (Freitas; Lopes. 2020. p.06).

Por mais que ela descrevesse a vida na favela, suas obras não se resumem apenas nesse viés, já que abordam aspectos que abrangem toda a sociedade, desde o setor econômico e familiar, até a esfera política que deveria proporcionar melhorias para todos, como aborda Freitas; Lopes (2020, p.07):

Embora seja uma escrita de si, centrada na primeira pessoa, os escritos de Carolina de Jesus representam a coletividade, tendo em vista que muitos outros passavam e ainda passam pela mesma situação que ela e sua família. Por estar inserida em uma comunidade, seu relato era também o relato desses outros, excluídos e marginalizados.

O que vem a discordar da perspectiva de Coronel (2014 p.277), que essa titulação de porta-voz do povo, é errônea:

A compreensão da escritora como “porta-voz da favela” é inapropriada, porque Carolina é porta-voz apenas de si mesma, suas anotações são

relatos pessoais do seu cotidiano, nos quais utiliza com frequência o termo “os favelados” para referir-se aos vizinhos distanciadamente.

Com suas obras, Carolina ainda incentivou outros escritores a escreverem e publicarem suas obras, seguindo a perspectiva do relato das experiências vivenciadas e de denúncia às injustiças da sociedade. Segundo Silva (2019, p.58) “o diário publicado em 1960 deixou de ser as anotações pessoais de Carolina Maria de Jesus e passou a ser visto como um outro texto, pertencente também a uma narradora e personagem.”, portanto pensar o negro na obra é pensar na própria autora.

Para Penteado (2016, p.28), diversas comprovações da influência que Carolina gerou no Brasil em diferentes décadas: “Na década de 1980, os casos aumentam. Francisca Souza da Silva consegue publicar *Ai de vós!: diário de uma doméstica* (1983), com apoio da mulher para a qual trabalhava.” Essa e entre outras autoras foram reflexo da escrita de Carolina, essa influência advém da busca de um discurso que os representem, assim como aborda Silva (2019, p.49) “Ao buscar sua própria identidade, o negro procura representatividade enquanto um sujeito cidadão tal qual como os demais cidadãos não negros”. Mesmo sendo criticada, Carolina continuou a escrever e assim denunciar as injustiças que não apenas ela passava, mas que era espelho de toda uma classe da sociedade brasileira e que ainda é hodiernamente vivência. Sendo reconhecida e cada vez mais compreendida, muitas pesquisas acadêmicas se voltaram para analisar Carolina muito além de suas obras, mas sim, como patrimônio social e racial.

Marcando a literatura com sua característica própria de escrita, mantendo o eu discursivo, ela enquanto mulher negra periférica e os outros estereótipos negativos provenientes a sua classe social, quando se descreve no eu-literário, aborda outras características para si, ao afirmar gostar de valsas e livros, distanciando-se assim da realidade dos favelados. Com isso, Carolina traz seu eu discursivo para suas obras, sempre nessa ponte entre o social e o literário, provando o hibridismo de sua escrita possível estabelecer um limite entre os dois. Assim como aborda Galvão (2017), que nas obras de Carolina é possível observar um espelho de suas vivências que desde a infância até a fase

adulta, sejam elas em primeira pessoa e também através de personagens, descreve sobre os seus sentimentos e ambições de forma a se libertar da inferiorização. Se mostrando ser uma mulher com grande senso crítico e com sensibilidade de compreender o lugar que foi imposto ao negro no Brasil; de escravidão, inferioridade e desprezo, marginalização, como também, o lugar da mulher perante a sociedade que se passa sempre abaixo das vontades masculinas e cuidando dos afazeres domésticos. Rompendo com o círculo de inferiorização que Oliveira (2020), descreve no qual os homens e as mulheres negras foram os prejudicados por terem que silenciar suas subjetividades, denúncias e verdades que estavam prontas para serem ditas para os sujeitos brancos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas como as relações raciais acabaram ocorrendo no Brasil tornaram-se alvo de uma reparação histórica, por seguir de forma desumana sem dar ao povo negro liberdade e dignidade de vida. A partir do século XIX, o país alavancou as pesquisas sobre as características da sociedade e assim foi se estabelecendo um novo olhar perante esse povo e sobre as novas pesquisas sociais. Ao longo desta análise, pôde-se perceber a importância das pesquisas e dos movimentos sociais liderados por pessoas negras para se estabelecer, buscando espaço e representação em todos os âmbitos sociais, especialmente na Literatura.

Com o final da pesquisa foram alcançados os objetivos almejados, uma vez que foi apresentada uma análise interdisciplinar acerca do processo de construção da identidade do negro na sociedade brasileira através de fragmentos literários extraídos das obras da autora Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e por conseguinte, também foram identificados os marcadores nos textos literários que permitiram afirmar Carolina Maria de Jesus como alguém que produziu uma “literatura negra” assim como uma “literatura marginal/periférica”, assim como foi feita a caracterização da trajetória intelectual e política de Carolina, bem como a profundidade da crítica social presente em suas obras

e, por fim, apresentou-se uma contextualização das obras e da própria autora, fazendo emergir a ambiência da década de 1960 no Brasil e a “literatura negra” deste período.

Vale ressaltar ainda que problematizar os conceitos e abordagens no que tange à “literatura negra” e à “literatura marginal/periférica”, como nos sugere Silva (2013), evidenciando como estas se entrecruzam e se retroalimentam, é algo bastante importante e assume uma perspectiva denunciativa e crítica a partir da obra de Carolina Maria de Jesus.

Esta pesquisa também contribui, enfim, socialmente, na medida em que torna mais visível a militância política exercida por Carolina Maria de Jesus, que, segundo Tom Farias (2020), ainda é pouco conhecida, especialmente no campo do que hoje seria denominado “ativismo de esquerda com certo teor de socialismo”.

REFERÊNCIAS

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: n. 44, p. 271-288, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/XBQZV7mPBWgsrxGtDz9QgLm/abstract/?lang=p>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

FERREIRA, N. B. **Quarto de Despejo**: Gênero e Autobiografia na Literatura de Carolina Maria de Jesus. Manaus, 2019. p. 1-83.

FREITAS, Leidiana da Silva Lima; LOPES, Maria Suely de Oliveira. Um relato de si: a trajetória de Carolina Maria de Jesus através dos diários. **Revista Investigações**, Recife: v. 33, n. 1, p. 1 - 19, 2020.

GABRIEL, E. G. **A construção da identidade de Carolina Maria de Jesus por meio da literatura**. São Paulo, 2014. p.1-76.

GALVÃO, Andréia Márcia de Castro. Carolina Maria de Jesus: Sua Escrita, Sua Vida. **Fênix- Revista de História e Estudos Culturais**. Julho- Dezembro de 2017. vol 14, ano XIV, nº 2. p.1-17.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. São Paulo: Águila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: Diário de uma ex-favelada. São Paulo: Companhia das Letras, n/d.

LEANDRO, Michel Luís da Cruz Ramos. **Autoria e Resistência**: Carolina Maria de Jesus em discurso. Ribeirão Preto, 2019.

MORITZ SCWARCZ, L. K. Questão Racial e Etnicidade. O que ler na Ciência Social brasileira. Vol. 1- Antropologia. HICELI, Sergio (org.). São Paulo: Ed.Sumarí: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999. p.267-322.

MOTTA, Roberto. Etnia, Sincretismo e Desenvolvimento no Pensamento Social Brasileiro. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Etnia e Nação na América Latina**. Washington: Secretaria Geral da Organização dos Estados Unidos, Volume 2, 1996.

OLIVEIRA, E. S. O Pensamento de Fronteira de Carolina Maria de Jesus. *Psicologia: Ciência e Profissão*. v.40. 2020, p.1-12. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003212106>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.13-35.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 49, p. 19-32, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/RLd6tQFZCtCRZJ68SN9PprS/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito**: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SILVA, Vanessa Maria Poteriko da. **A Trajetória na Construção da Identidade da Personagem narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários**. Curitiba, 2019.

SEYFERTH, Giralda. As Ciências Sociais no Brasil e a Questão Racial. **Cativeiro e Liberdade**. (org.). Jaime da Silva; Patrícia Birman; Regina Wanderley. Rio de Janeiro: UERJ, 1989, p.11-31.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. Carolina Maria de Jesus: a escrita em si. Porto Alegre: **Letrônica**, v.3, n.1, julho 2010. p.247-257. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/7066/5732>. Acesso em: 10 jan. 2023.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

Data de recebimento:01/11/2024
Data de aprovação:10/12/14